

# PROLIFERANTES MODOS DE FAZER COM ARTE E TECNOLOGIAS DIGITAIS: POTÊNCIA DO EXISTIR

Noale Toja

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ/ProPEd, Brasil

noaletoja22@gmail.com

## RESUMO

Fazer emergir experiências sociais que no seu fazer aprender ensinar promovem subjetividades emancipatórias ao valorizar saberes não científico, não hegemônicos e não colonializantes na produção do conhecimento. Trazer à cena vivências ordinárias que abrem caminhos para existências outras, dentro de sistemas hegemônicos é pensar as ações e os movimentos singulares e plurais como tessituras rizomáticas, ocultas dentro da lógica fascista, mas de efeito positivo como proposições para uma sociologia das emergências em processos de decolonialidade.

Sensível a essas inquietações, que estão permeadas nas maneiras de experimentar a arte como mediação no fazer cotidiano, este ensaio propõe alinhar os processos de subjetivação emancipatórios de jovens que vivem nas periferias do Rio de Janeiro, investigando modos de vida nesse fazer com a arte e a tecnologia digital dando o embelezamento. Nessa urdidura, alinhavamos os fios com Alves, Certeau, Deleuze, Dubois, Gallo, Guattari, Santos e Walsh, para tecer, alimentar, fermentar o pensamento sobre as experiências Proliferantes.

Palavras-chave: Proliferantes. Experiências sociais. Cotidiano. Arte. Tecnologia digital.

*“Os habitantes dos bairros suburbanos vão ao center, ao shopping center, como antes iam até o centro. O tradicional passeio do fim-de-semana até o centro da cidade tende a ser substituído pela excursão até esses centros urbanos. De banho tomado, arrumados e penteados, vestidos com suas melhores galas, os visitantes vêm para uma festa à qual não foram convidados, mas podem olhar tudo.” (Eduardo Galeano<sup>1</sup>)*

### **A uva e o vinho**

*Um homem dos vinhedos falou, em agonia, junto ao ouvido de Marcela. Antes de morrer, revelou a ela o segredo:*

*– A uva – sussurrou – é feita de vinho.*

*Marcela Pérez-Silva me contou isso, e eu pensei: se a uva é feita de vinho, talvez a gente seja as palavras que contam o que a gente é. (Eduardo Galeano, Livro dos abraços).*

## 1. PERIFERIAS PROLIFERANTES?

*Proliferar é decompor a matéria orgânica por meio da fermentação, contaminação e transformá-la em minerais para produção de matérias vivas. A beleza do que compõe o processo dessa transformação está em ações cotidianas que se produzem em movimentos de fazeres ordinários.*

*Periferias é tudo o que está a margem, no entorno, circunscrevendo um centro. Esse movimento ele é geográfico, geométrico, político, cultural e marginal. Está no campo da objetividade e da subjetividade.*

*Proliferar faz parte do meu fazer cotidiano diante das buscas em fazer-me em mim no contato com os outros, outros que Michel de Certeau nos apresenta como mecanismos de apropriação dos artefatos, bricolagens e astúcias em processos praticantes. Decompor é esmiuçar esses fazeres cotidianos que me levaram a encontros com a arte e a tecnologia nas narrativas audiovisuais diante de situações marginais, ocultas ou invisíveis. É Trabalhar com as vibrações livres<sup>2</sup> marcadas pelas minhas vivências que manifestam as inquietações com o compromisso político no fazer cotidiano, nos processos de subjetivação imbricados nas relações de afetos.*

*Venho de lugares periféricos, bairros dos arredores de municípios da Baixada Fluminense, região metropolitana do estado do Rio de Janeiro, Brasil. Lugares estes, que estão em cadeia, marginais dentro das estruturas colonialistas. Os bairros nos quais morei também são periféricos em relação aos centros dos municípios de Duque de Caxias e São João de Meriti. Cresci com vergonha de ser quem eu era, vergonha de ser de onde eu era, porque a imagem produzida sobre estes lugares e das pessoas que lá vivem sempre foi de extrema violência e ignorância. Imagens produzidas pela colonialidade eurocêntrica, ideia capitalista de subserviência e escravidão dos pensamentos e ações de praticantes que vivem em periferias e comungam de saberes*

1. [https://www.pensador.com/autor/eduardo\\_galeano/](https://www.pensador.com/autor/eduardo_galeano/) [Acesso: 11 de jul de 2017].

2. Vibrações livres ocorrem quando um sistema mecânico é disparado com uma entrada inicial e depois deixado vibrar livremente. Exemplo disso é bater um diapasão e deixá-lo tocar, a partir do primeiro disparo, aquele movimento ou onda sonora vibrará livremente.

ancestrais. A colonialidade nega esses saberes, práticas, sentimentos, emoções, percepções, tornando as pessoas que estão a margem desse sistema, estigmatizadas e invalidadas dentro de processos culturais, intelectuais e científicos. Porém há uma resistência no cerne das experiências cotidianas em que os praticantes pensantes<sup>3</sup> produz com traços de decolonialidade e que na contemporaneidade com os usos democráticos da audiovisualidade digital, manifestam expressões que evidenciam essa resistência.

Eu vim deste fazer, que desde a adolescência, a arte esteve como um interstício de re-existência, uma experiência que me encorajou a trabalhar com outros jovens no sentido de despertar a potência inibida por padrões colonializantes, na produção de processos de decolonialidade, tensionada nos fazeres cotidianos num mundo de sobrevivências sociais, políticas e culturais.

Este ensaio traz questões que envolvem as maneiras de criar espaços inventivos no fazer cotidiano com jovens entre 17 e 25 anos, participantes da pesquisa que envolve o projeto *Proliferantes*, abarcado dentro da ação multiplicadora, Kabum! em Rede, *Territórios de Arte e Tecnologia*<sup>4</sup>. Escrever sobre a ação *Proliferantes* é dar visibilidade a potência que está nesta produção e evidenciá-la no universo acadêmico e científico, ao contrário de julgá-la como inválida na construção social, política e cultural mediada pelo capitalismo. (Santos, [2002]?) denomina de desperdício social, a negação do valor das experiências sociais pelo capitalismo e o neoliberalismo, chamando a atenção para a necessidade de pensar uma sociologia das ausências e das emergências, provocadas pela ecologia do saber. As experiências das periferias inspiraram projetos de intervenção, fazendo uso da arte e da tecnologia digital na expressão de desejos e espaços inventivos de estar na vida.

Uma tensão que emerge nessa reflexão em torno das Periferias Proliferantes é que se trata de um projeto, mantido como programa de responsabilidade social de um instituto ligado à uma empresa de telefonia multinacional. Como atuar neste lugar que provoca outras manifestações cotidianas na expressão de jovens de periferias sem ficar refém, e já estando, de um sistema capitalista eurocêntrico com interesses mercantis?

Esses programas de responsabilidade social ligados a empresas privadas, assim como de agências nacionais e internacionais que na justificativa da democracia de direitos sociais, impera como linha de comando, de neutralização, controle de uma suposta paz e distribuição de bens sociais, dentro de uma suposta lógica democrática, que numa estrutura compensatória, salvaguarda interesses da estrutura econômica ocidental e da política neoliberal do capitalismo.

Esse fenômeno aparece nos 90, quando a diversidade cultural na América Latina é evidenciada nos debates políticos, sendo inserido nas políticas públicas e reformas educativas, constitucionais, tornando um importante momento histórico, tanto no âmbito nacional dos países latinos como nas relações inter e transnacionais. Essa mudança política, está relacionada a dinâmica das lutas dos movimentos sociais, por direitos e reconhecimento do valor das existências e resistências intrínsecas as ancestralidades. Porém, Walsh nos desafia a olhar por outro prisma, pela trinca da globalização, poder-capital-mercado, “O marco central para tal contextualização encontra-se na histórica articulação entre a ideia de ‘raça’ como instrumento de classificação e controle social e o desenvolvimento do capitalismo mundial (moderno, colonial, eurocêntrico), que se iniciou como parte constitutiva da constituição histórica da América. [...] Essa colonialidade do poder – que ainda perdura – estabeleceu e fixou uma hierarquia racializada: brancos (europeus), mestiços e, apagando suas diferenças históricas, culturais e linguísticas, ‘índios’ e ‘negros’ como identidades comuns e negativas. A suposta superioridade ‘natural’ desenvolveu [...] as categorias binárias, oriente-ocidente, primitivo-civilizado, irracional-razional, mágico/mítico-científico e tradicional-moderno justificam a superioridade e a inferioridade – razão e não razão, humanização e desumanização (colonialidade do ser) e pressupõem o eurocentrismo como perspectiva hegemônica (colonialidade do saber) [...]. É tal operação que põe em dúvida, [...] o valor humano destes seres, pessoas que, por sua cor e suas raízes ancestrais, ficam claramente ‘marcadas’ [...], pelo caráter da ‘desumanização da raça na modernidade configura a falta de humanização das pessoas colonizadas’, que os distanciam da modernidade, da razão e das faculdades cognitivas. (Walsh, 2009: 14-15)”.

Porém, dentro desse universo ampliado da política de mercado neoliberal, e da política compensatória de inclusão social e cultural, acontece as relações entre sujeitos que tem interesses humanizados imbricados aos interesses hegemônicos e imperialistas que atuam no fazer cotidiano dessas instituições e programas. Por isso, o risco da generalização entre as relações institucionais e os sujeitos das práticas, pode da mesma forma, gerar invisibilidade das singularidades que atuam nas brechas dessas políticas assistencialistas, por tratar de pessoas envolvidas nestes lugares com compromissos de uma vontade de mudança social. Como lidar então, nesse fio da navalha entre a colonialidade e a decolonialidade, quando se trata em desenvolver projetos sociais? Como usar de astúcias e bricolagens nas estratégias colonialistas? (Certeau, 1998) distingue as estratégias e astúcias existentes nas ações sociais, em que a estratégia funciona como uma permanência colonialista e que nos seus usos cotidianos, os praticantes com suas astúcias criam brechas, frestas nas relações de dominação. Aonde se apresentam essas astúcias e como criam linhas de fuga com os usos de artefatos tecnológicos e artísticos que driblam e se aproveitam das fendas da colonialidade?

3. Este modo de escrever estes termos juntos e grafados – tais como os termos aprenderensinar, práticateoria, praticantespensantes, espaçoestempos, conhecimentosignificações, docentesdiscentes, entre outros – é utilizado em pesquisas nos/dos/com os cotidianos e serve para nos indicar que, embora o modo dicotomizado de criar conhecimento na sociedade Moderna tem sua significação e importância, esse modo tem significado limites ao desenvolvimento de pesquisas nessa corrente de pensamento.

4. Projeto apresentado à lei de incentivo a cultura (ICMS - imposto sobre circulação de mercadorias e serviços) do Governo do Estado do Rio de Janeiro, realizado pela Oi Kabum! Escola de Arte e Tecnologia, programa do Oi Futuro em parceria com a ONG Centro de Criação de Imagem Popular (CECIP). A Oi Kabum! atuou entre os anos de 2009 e 2016 na formação de jovens em áreas artísticas e tecnológicas.

## 2. PROLIFERANTES INSOLENTES

Nos encontros com (Santos, [2002]?), me deparei com sua crítica a razão indolente como um modelo de racionalidade ao que se refere à ideia hegemônica do pensamento científico ocidental como conhecimento verdadeiro, monolítico que despreza e desqualifica a multiplicidade dos conhecimentos produzidos em *experiências menores*<sup>5</sup>, (Deleuze, 1977; Gallo, 2007). Nesse sentido, provoco brincar com a ideia de *Proliferantes insolentes* em contraponto a razão indolente. Experimentar uma pedagogia insolente em laboratórios de arte e tecnologias digitais, que se apropria das relações ordinárias como um campo do possível no acontecimento em profundidade, ao contrário de uma ação que atinge em extensão para assistir a muitos, criando totalidades e controles, com políticas de institucionalização generalizantes, que desconsideram as singularidades, multiplicidades e tensões imbricadas nos micro fazeres cotidianos.

*Proliferantes insolentes* provoca uma pedagogia do atrevimento/encorajamento no que tange perceber as democracias nas relações horizontais de atuação, que possa levar a ensaios de “emancipação social”, que defende Santos “como um efeito agregado das lutas contra as diferentes formas de poder social e afere-se pelo êxito com que vão transformando relações desiguais de poder em relações da autoridade partilhada em cada um dos espaços-tempos. (Santos, 2016: 138)” Com isso identificamos um precioso poder nos usos das artes e tecnologias digitais como um laboratório de desenvolvimento de democracias participativas e comunitárias como possibilidades de gestão coletiva e horizontal no processo criativo e de aprendizado. *Proliferantes insolentes - pedagogia do atrevimento/encorajamento*, foi um exercício de emancipação tecido de forma processual por jovens, educadores, artistas, militantes e colaboradores.

O uso das artes e tecnologias digitais como experimentos de outros arranjos fora dos padrões convencionais de arte, deflagra a produção de sensações, consciência e reconhecimento do corpo na exploração dos sentidos, que leva à percepção da pessoa na sua integridade singular e múltipla, ao mesmo tempo, corre o risco de tracejar caminhos padronizantes de reprodução da cultura hegemônica, nessa tensão desfia-se em linhas de fuga, processos desterritorializantes<sup>6</sup> na inventividade e na provocação de espaçotempos de existência, como um maravilhamento da potência de reconhecer em si, um alguém que urdi junto a outros fios, uma trama de re-existências, como processos de decolonialidade.

Ao encontro com as astúcias e artefatos de Certeau trago a provocação sobre os usos das tecnologias por (Dubois, 2004) que tem como conceito de tecnologia *a arte do fazer*. Na produção histórica de imagens, foram criadas diferentes tecnologias, que “pressupõe um gesto de fabricação de artefatos por meio de instrumentos, regras e condições de eficácia, assim como de um saber. (Dubois, 2004: 31)” É na contemporaneidade as tecnologias de produção de imagens como vídeos, celulares, internet, interfere nos modos de criação e no diálogo entre a imagem e a arte. Dubois traz o vídeo como um instrumento de questionamento na tensão imagem-arte, em que ele reivindica o vídeo como “um estado do olhar: uma forma que pensar. (Ibid.: 28)” Seguindo essa provocação, o vídeo impregnado em tecnologias ainda mais democráticas favorecem diferentes formas de pensar.

### 2.1. O ambiente

Apresentar o ambiente onde se prolifera periferias na ação *Proliferantes* causa certa angústia que reside entre, a ingenuidade que a paixão pelo projeto pode levar a reforçar os interesses da colonialidade e, o contato com as possíveis astúcias que aparecem na apropriação dos mecanismos colonialistas, utilizando de artefatos para expressar com a arte e tecnologias digitais possíveis rastros de decolonialidade. É um conflito que se apresenta por essa experiência fazer parte do programa do instituto de responsabilidade social Oi Futuro e realizado por oito anos pelo CECIP – Centro de Criação de Imagem Popular, ONG que há 30 anos atua em projetos de comunicação e educação popular e comunitária, pautados pela pedagogia Freiriana. Sob uma ótica generalizada, as empresas criam tais institutos por interesses financeiros e por uma política de mercado, tanto na criação de uma imagem positiva da empresa como benefício de isenção tributária. Por outro lado, organizações não governamentais, se utilizam dessa conduta, para fazer usos desses recursos em prol de ações localizadas, algumas paliativas, outras contundentes, umas para suprir as obrigações do poder público, outras de fortalecimento e resistência política de grupos sociais que foram marginalizados pelo processo colonialista, e que se escamoteia na tentativa de minimizar os estragos éticos e estéticos causados pela colonialidade com essa política compensatória.

Nesse ambiente de contradições e dicotomias, o CECIP que possui uma equipe de educadores, artistas, ensaístas, oriunda de movimentos populares e sociais, com a missão de, por meio de metodologias participativas, desenvolver ações emancipatórias, que em 2009, recebeu do Oi Futuro o convite para realização do projeto, Oi Kabum! Escola de Arte e Tecnologia.

A Oi Kabum! direcionada a atender jovens de 16 a 21 anos, oferecia por dezoito meses, formação básica nas linguagens do vídeo, fotografia, computação gráfica, design gráfico, design sonoro, web design e arte digital, partindo da metodologia de

5. Deleuze (1977: 28) trata o conceito menor, em Kafka, por uma literatura menor. Recuperado de: <https://maiseducacaomusical.wordpress.com/2011/06/21/texto-em-torno-de-uma-educacao-menor-por-silvio-gallo/> [acesso: 16 de abr.2017], em deslocamentos menores, pensa uma educação menor, como ações desterritorializantes de micropolíticas. “[...] faz emergir possibilidades que escapem a qualquer controle; [...]O ativismo militante de uma educação menor não está alheio a riscos.”

6. DELEUZE, G. GUATTARI, F. (2007:17-32), *Mil Platôs, capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. São Paulo: Ed. 34. Entendemos que qualquer ação, pensamento que busca fugir de uma lógica hegemônica, estabelece aspectos de desterritorialização e cria outras formas de existência como subversão ao sistema capitalista e padrões hegemônicos.

aprendizado por projetos que expressassem os desejos e pensamentos sobre questões vivenciadas por esses jovens de periferias da cidade do Rio de Janeiro e região metropolitana do estado do Rio de Janeiro.

A partir 2015, no auge da crise econômica, um corte orçamentário, levou a redução da formação para nove meses e como estratégia de complementação da formação, introduzimos a ação *Multiplicadores*, que chamamos de *Proliferantes*, realizada entre junho e dezembro 2016.

A ação Proliferantes reuniu 28 jovens, que em 07 meses participou de laboratórios de experimentações artísticas, tecnológicas e sensíveis que levaram a pesquisa em seus ambientes de convivência até chegarem a elaboração de quatro projetos.

Os laboratórios de experimentações artísticas trouxeram questões envolvendo a atuação dos jovens na perspectiva de emergir potências de saberes ordinários que são negados ou descartados por uma cientificidade colonialista; e pensar sobre os processos de colonialidade e decolonialidade articulados entre si nas ações de projetos sociais. Quando me deparo com a expressão *decolonialidade*, reforço a tensão que apresenta a pesquisa pontuada pelos fazeres de praticantes localizados num projeto social, que envolve empresa privada, ONG e a ação de jovens das periferias como produtores de conhecimentos e pensamentos, possibilidades de reinvenção de jeitos de estar nessa sociedade neoliberal, capitalista e colonialista, buscando e revelando suas singularidades e pluralidades nos modos de existir.

### 3. PEDAGOGIA DO ENCORAJAMENTO, PEDAGOGIA INSOLENTA

Vivemos entre 2015 e 2016 um contexto político que negligenciou a ética e a estética na política nacional. Sentimentos de indignação e impotência diante da democracia ameaçada pelo movimento golpista que se instalou no Brasil, levou a equipe que conduzia a ação *Proliferantes* a um estado de mobilização silenciosa. Pensar mais intensamente sobre as questões de participação promoveu um lugar de inquietudes que nos desafiava a experimentar fazeres subversivos, fora dos padrões tensionados por pensamentos estruturantes e hierarquizantes. Como diluir essa dualidade? “Entrar pela grande porta central, prevista para isso, e onde tudo já se encontra organizado para ser visto frontalmente, parece-me menos aguçado, menos pertinente, menos desbravador, que esgueirar-se sorrateiramente por uma pequena porta lateral, capaz de revelar coisas inéditas (jamais vistas *assim*) e geralmente mais significativas e originais. (Dubois, 2012: 1-2)”.

A arte atuou como essa pequena porta lateral. Uma fenda de expressões estéticas das periferias, um caminho livre, aberto ao improviso, ao imprevisto, favorecendo a investigação de rabiscos de revelação da decolonialidade, que estão ou são forçosamente invisíveis nessas expressões. “Deformar os territórios com imagens (o ponto de vista daquele que sabe o que significa mover-se) é muitas vezes mais penetrante e fascinante que observá-las sabiamente de frente, lá onde elas se apresentam e onde, finalmente, fazem barreira. Portanto, praticar intencionalmente o enviesamento. (Ibid.: 2)”

A orientação enviesada do trabalho foi permeado pelo acontecimento<sup>7</sup>. Um planejamento aberto a ser trabalhado com os participantes na efervescência de multiplicidades culturais, religiosas e sociais, criando um campo de empatia. A busca do que tem por dentro de cada expressão e manifestação artística e cultural, refletindo sobre o modo de existência nesse campo, tendo a arte como deflagradora de experiências de desobediência de regras, de quebra de conceitos estabelecidos por uma cultura hegemônica.

Esses encaminhamentos se revelaram maior do que a relação de respeito ou tolerância às diferenças que impregna a lógica neoliberal da modernidade, como tensiona Walsh, “Nesse sentido, o reconhecimento e respeito à diversidade cultural se convertem em uma nova estratégia de dominação que ofusca e mantém, ao mesmo tempo, a diferença colonial através da retórica discursiva do multiculturalismo e sua ferramenta conceitual, a interculturalidade “funcional”, entendida de maneira integracionista. Essa retórica e ferramenta não apontam para a criação de sociedades mais equitativas e igualitárias, mas para o controle do conflito étnico e a conservação da estabilidade social, com o fim de impulsionar os imperativos econômicos do modelo neoliberal de acumulação capitalista, agora “incluindo” os grupos historicamente excluídos. (Walsh, 2009: 16)”

As diferenças eram tecidas pelos afetos, num estado de confiança, confiar–fiar-com–fiar juntos. Nesse *emaranhado de fibras* desfiado com (Alves, 2002)<sup>8</sup> possíveis desafios na tessitura de conhecimentos, gerado nos vários processos que se dão nas práticas sociais, assim como as interferências de tantos outros sujeitos, que em sua diversidade, complexificam e enriquecem esse processo. Vivenciamos acontecimentos que, do ponto de vista deleuziano, se dá na convivência com as questões apresentadas no campo sensível de afetações; então, investigamos processos que dessem conta das conexões entre realidades e desejos em realizar projetos que pudessem incomodar e inspirar. O incomodo como um encontro movediço que tira da zona de conforto, que faz doer.

Num sistema capitalista há aqueles que ignoram a dor alheia. Alternativa à razão indolente, (Santos, [2002?]), propõe pensar sobre a sociologia das emergências, visibilizando as experiências sociais existentes dentro de uma totalidade num

7. Deleuze, (1995, p. 8) apud Gallo (2002, p. 176). “Navalha de Dali”: sobre o conceito de hecceidade. Recuperado de <Blogger. Murilocorrea.blogspot.com>2009/12, s> [acesso em: 03 de abr. 2017]. O acontecimento para Deleuze é um dos elementos dos princípios característicos da multiplicidade, que são hecceidades (quer dizer, individualizações sem sujeito); [...] poder de afetar e de ser afetado.

8. ALVES, N (2002:13), *Tecer conhecimento em rede*. Rio de Janeiro, DP&A



sistema hegemônico, fazendo com que elas deixem de ser ausentes para serem presentes como alternativas viáveis, singulares, plurais e concretas de uma existência elaborada nas relações de afeto, na superação de um mundo globalizante, capitalista e estagnado.

Apropriando-nos de uma postura transgressora, tendo a arte como um caminho subversivo e afinados a crítica de Santos, percebemos a potência *Proliferantes* como uma pedagogia do encorajamento, uma pedagogia do atrevimento. Uma “razão” insolente à razão indolente.

### 3.1. Laboratórios de re-existência

No presente certeuniano, as coisas acontecem no fazer e no pensar sobre esse fazer, na relação entre as coisas e artefatos, e as coisas aqui entendemos como, as pessoas, os sentimentos, as emoções, o corpo, o espírito, a arte e os equipamentos tecnológicos.

Foi um laboratório de experimentações artísticas, *fazer*es culinários, *fazer*es de proliferação e fermentação, como fazer pães, cervejas, keffir, geleias de agar agar<sup>9</sup>, sushi com shoyo e saquê, risotos com cogumelos. Os saberes de todos eram trazidos para aquele laboratório que na sua fluidez transformava em pesquisas de projeções sobre objetos, gestos sonoros, relações micro e macro como produção imagética nos usos das câmeras de celulares, sensações corporais; e na fruição apresentavam as discussões sobre violência, preconceitos, discriminação racial, sexualidade, padronização dos valores, padronização dos corpos, padronização democráticas, democracias participativas.

Dar voz! ... Dar voz? Ou estabelecer um coral de diferentes vozes entoando sutilezas? O cineasta documentarista Eduardo Coutinho já dizia que, ninguém dá nada a ninguém; e ninguém é coitadinho. Dizer que dá voz, ou que tira do lugar de coitado, simbolicamente, é dizer que há no outro ausência daquilo que se diz dar. Porém, não há uma não existência, sim, uma negação da voz e da dignidade. Isso é um comportamento e uma produção da colonialidade, desde o momento que se usurpou as terras, os corpos, as tradições, as crenças, os saberes. Lava-se tudo com muito cloro para alvejar o tecido cultural a ponto de esgarçar, desfiar, romper, arrebentar. É um fenômeno que acontece ao negar as possibilidades, as capacidades, potências e vozes daqueles que são subjugados a expressão de pouco ou nenhum valor, no sentido de aniquilar qualquer experiência que subverta, ou altere a ordem, ou a lógica capitalista nas relações de dominação.

Walsh vai além: “Esta matriz quadridimensionada da colonialidade evidencia que a diferença construída e imposta desde a colônia até os momentos atuais não é uma diferença simplesmente assentada sobre a cultura, tampouco é reflexo de uma dominação enraizada em questões de classe como eixo central, como vem argumentando grande parte da intelectualidade latino-americana [...]. A matriz da colonialidade afirma o lugar central da raça, do racismo e da racialização como elementos constitutivos e fundantes das relações de dominação. (Walsh, 2009:16)”

No lugar de dar voz (autoridade), experimentamos o lugar da escuta (alteridade), existente no encontro entre as múltiplas singularidades, mediado pelas artes e tecnologias como linguagens, numa experimentação de práticas democráticas e criativas. “É preciso aprender a olhar e escutar sem medo de deixar de ser, sem medo de deixar o outro ser” (Maturana, 1998: 54 apud Imenes, 2002: 126).

Imagem 1: Laboratórios de experimentações – so do agar-agar para fermentação simbólica dos projetos



Fonte: Acervo Oi Kabum!

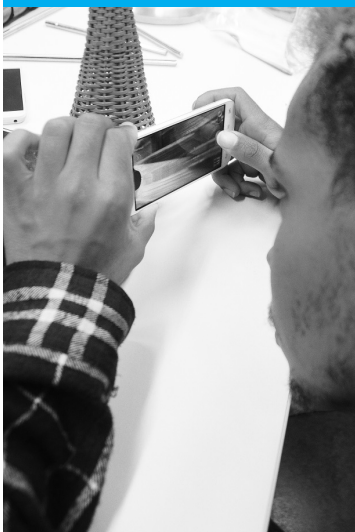
9. Keffir é uma bactéria junta ao leite produz a fermentação que leva ao iogurte. Agar-agar é uma gelatina de algas marinhas, usadas em laboratórios químicos e de biologia para produção de bactérias e também é usada na culinária como gelatina.

Imagem 2: Laboratórios de experimentações – investigação de narrativas



Fonte: Acervo Oi Kabum!

Imagem 3: Laboratórios de experimentações – narrativas com celular relação micro e macro<sup>10</sup>



Fonte: Acervo Oi Kabum!

Imagem 4: Laboratórios de experimentações – narrativas em animação



Fonte: Acervo Oi Kabum!

10. Laboratório de experimentações de Narrativas com celulares, captura de imagens micro e macro com gestos sonoros.

Imagem 5: Laboratórios de experimentações – narrativas com projeções



Fonte: Acervo Oi Kabum!

Imagem 6: Seminário de avaliação dos projetos<sup>11</sup>



Fonte: Acervo Oi Kabum!

O *Proliferantes* em suas diferentes intervenções fez uso de metodologias que levaram os jovens a produzirem vídeos, peças gráficas, fotografia, animação, experimentações em arte digital, revelados por um processo artístico, colaborativo, autônomo, interativo e libertador. Na sua produção e mediação experimentaram o lugar da crítica, fazendo as perguntas: O que penso e o que quero com isso? Como o que faço, faço com o outro e não para o outro? Com essas indagações, os *jovens Proliferantes* investigaram em si, o lugar de suas ausências e observaram onde estão outras vozes e silêncios que ecoam na mesma ausência.

Os laboratórios de experimentações *Proliferantes* que começaram com o conceito de fermentar, criaram narrativas imagéticas e intervenções artísticas que evidenciaram nas suas ações, movimentos singulares e ocultos, levando a criação de quatro projetos artísticos, o *Sururu*, *Bivolt*, *NuVaral* e o *Iluminar e resistir*, no qual vou me deter.

#### 4. ILUMINAR E RESISTIR

Um grupo composto por 4 jovens das áreas da fotografia, vídeo, design e arte digital, iniciou sua investigação a partir do seu auto-reconhecimento, trazendo o fazer artístico como disparador de dispositivos sensíveis que foram adormecidos. Passaram a perceber seus outros sentidos além da visão, ao tocar seu corpo, falar de sexualidade, o que é ser mulher, homem, homo, hetero, transexual; o que é ser pobre, viver em áreas de risco e numa família com traços de violência; o que é sofrer transtornos psíquicos; como é se ver na mídia como delinquente; como é ser invisível diante dos valores hegemônicos? Essas orientações abriu um canal de observação dos seus processos de subjetivação. Ao se verem produzindo outras imagens, sons, cheiros, texturas sobre si, e desenvolverem a tolerância e a aceitação sobre sua própria diversidade, passaram a investigar como esse contato íntimo nos processos criativos envolvendo a arte e a tecnologia digital poderiam colaborar para evidenciar as potências de outros grupos também marginalizados.

11. Convidados da área de cultura envolvendo secretarias de estado, Centros culturais e organizações de apoio a fomento de projetos, analisaram os processos de investigação dos projetos propostos.

A partir da observação dos corpos das pessoas que moram nas ruas, e das pessoas transsexuais, e a maneira como são subjugados, repelidos, renegados por uma condição, que está imposta pelos padrões colonialistas, esse grupo desenvolveu sua pesquisa usando lâmpadas de led, fotos, vídeos e projeções pelo corpo, no sentido de enfatizar a existência dessas pessoas, sem reforçar os estigmas, mas buscando a humanidade e as singularidades nas histórias de vidas de moradores e trabalhadores de rua como, ambulantes, garis e prostitutas da Casa Nem<sup>12</sup>. A luz e a imagem como campos de visibilidade de re-existências.

Dubois, traz a problemática da história das imagens, que guardam traços de coisas que não são visíveis, o que ele chama de “imagem do invisível – imagens de um pensamento inconsciente” que nos provoca articular história e filosofia a respeito de imagens. Fazendo uma reflexão sobre as imagens produzidas na Segunda Guerra Mundial ele diz: “Essa idéia de que captamos as coisas mas não sabemos vê-las, de que foram necessários anos de distância para aprender a ver o que, entretanto, já estava lá, bem visível, debaixo dos nossos olhos, [...] porque é a questão da cegueira histórica. Por que não vimos? Porque não pudemos imaginar, não pudemos pensar. É impensável, portanto é invisível. (Dubois, 2004:146)”. Nesse sentido como tornar pensamento as imagens captadas e criadas com os praticantes no Iluminar e resistir, para que essas imagens como sujeitos sejam visíveis?

-Esse processo trouxe para o grupo reflexões sobre as estruturas de poder que estão imbricadas nessas relações de submissões colonialista, com as relações de domínio do corpo e da vida, que se reproduzem ou se reinventam nos processos artísticos.

O grupo investigou com moradores e trabalhadores, especialmente os transsexuais da Casa Nem, as questões que estão por dentro da vivência nas ruas. Atuar com a Casa Nem que imprime procedimentos particulares para os usos desse espaço, trouxe uma experiência inusitada. A primeira observação é que não há uma necessidade de uma assembleia para definir ou aprovar uma proposta, mas é preciso que todas estejam de acordo, e essa conversa é quase particular, de maneira singular. E aquilo que a princípio para o grupo poderia ser uma intervenção artística que daria visibilidade para as questões da transexualidade, para cada uma das mulheres que participaram havia uma questão particular a ser tratada. Havia ali os preconceitos, as relações com a família, os amores, o trabalho, e o reconhecimento do corpo. As questões estavam em camadas mais profundas, que aqueles jovens não poderiam imaginar, e tiveram que se rever em seus laboratórios.

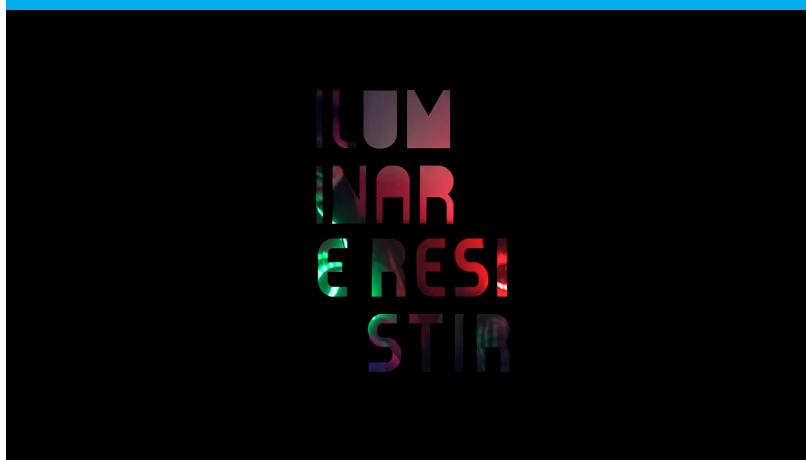
Um gari fala que se sente totalmente invisível, só percebem sua existência quando as ruas estão sujas e quando estão nas ruas são como as próprias latas de lixo. Assim, ele decidiu iluminar com led sua vassoura e seu carrinho.

Alguns moradores de rua, disseram que nunca puderam estar no lugar de artistas, são sempre vistos como lixo da sociedade, bandidos e que estar ali naquela experiência de poder ser um artista também podia experimentar o afeto. O grupo também pode compartilhar desse afeto, ao perceber que a aproximação da intervenção humanizava as pessoas e podia expressar carinho ao abraça-las.

O grupo participou, também de fóruns de discussões sobre a Nova Lei do ensino Médio em ocupações do Colégio Pedro II de Realengo e do Humaitá, o debate sobre MP 746/2016 e a PEC 55/2016, junto à Rede de Educação com Adolescentes - RECA.

O Iluminar e resistir gerou as intervenções urbanas, publicações nas redes sociais, uma exposição com instalações audiovisuais, incluindo projeções e fotografias, no espaço cultural da escola de arte e tecnologia Oi Kabum! aberta ao público integrada a programação do Centro Cultural Oi Futuro Ipanema.

Imagem 7: Iluminar e resistir – marca do projeto



Fonte: Acervo Oi Kabum!

12. Conheça a Casa Nem, um exemplo de amor, acolhimento e apoio a transsexuais, travestis e transgênero no RJ. Recuperado de <http://www.hypeness.com.br/2016/08/casa-nem-e-um-exemplo-de-amor-acolhimento-e-apoio-a-transsexuais-travestis-e-transgeneros-no-rj/> [acesso em: 18 de jul. 2017]. Casa Nem fica na Lapa, centro do Rio de Janeiro.



Imagem 8: Iluminar e resistir - Intervenção com população de rua (Lapa/RJ)



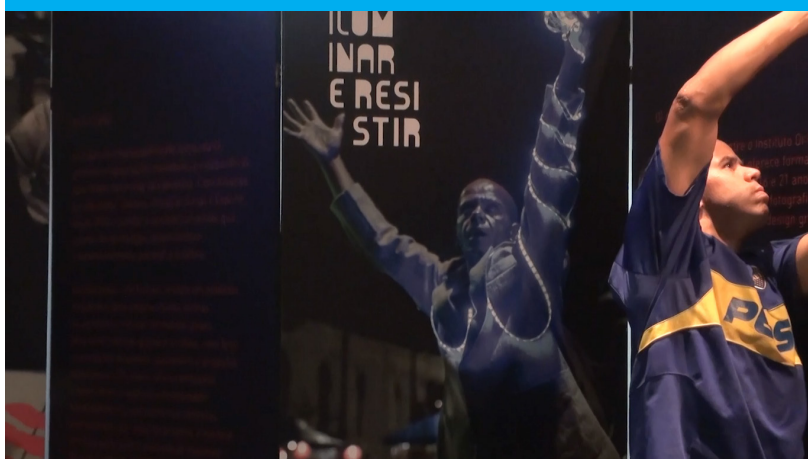
Fonte: Acervo Oi Kabum! e do grupo

Imagem 9: Iluminar e resistir - Intervenção com as Trans da Casa Nem (Lapa/RJ)



Fonte: Acervo Oi Kabum! e do grupo

Imagem 10: Iluminar e resistir – Exposição Oi Futuro Ipanema



Fonte: Acervo Oi Kabum! e do grupo

## 5. LIMPANDO O TERRENO, PENSAR O DESPERDÍCIOS

Proliferação é a transformação da matéria orgânica por meio da fermentação e contaminação, em minerais para produção de matérias vivas.

*O Iluminar e resistir e o Proliferantes*, permeados pela pedagogia insolente disseminou no grupo a vontade de proliferar e criar mecanismo que visibilize questões inerentes as suas existências, em que, inspirados por Alves, Deleuze, Dubois, Gallo, Guattari, Santos e Walsh, durante esse artigo, potencializa as sociologias das ausências, as astúcias do fazer cotidiano nos usos de artefatos tecnológicos como produção de imagens outras, que tornem visíveis as potências e experiências sociais *menores* que estão na contra mão de um sistema opressor, hegemônico e colonialista. Vivenciar intensamente essas experiências nos revelam alguns caminhos para pensar a tessitura de conhecimento e fazeres artísticos, trançados com saberes não científicos, alimentando o saber científico, na promoção de intervenções de decolonialidade.

As intervenções artísticas trouxeram provocações íntimas, no sentido de buscar entender, como exercícios emancipatórios podem reinventar a maneira de se colocar diante das situações mais diversas. Como arte e as tecnologias enquanto linguagens, acessam um canal de percepção que deflagra maneiras que, cada um se deixa afetar? Como a arte no fazer e pensar, acessa a sensibilidade, o afeto como agenciamento de outros pensamentos, ações, na atuação de maneira micro, no trato da humanidade de cada um, que impacta no macro, nos modos de convivências mais sensíveis?

São muitas as possibilidades de experiências sociais que promovem fazeres de potência contra-hegemônicos, como alternativa desse sistema selvagem capitalístico. Como dar visibilidade às experiências ordinárias que se fazem nos cotidianos, produzindo conhecimentos, e como evitar seu desperdício?

O desafio de (Santos, [2002]?) é evidenciar o desperdício das experiências sociais com a proposição da noção da sociologia das emergências. “[...] é deste desperdício que se nutrem as ideias que proclamam que não há alternativa, que a história chegou ao fim e outras semelhantes. [...] para combater o desperdício da experiência social, não basta propor outro tipo de alternativas. Para combater o desperdício da experiência, para tornar visíveis as iniciativas e os movimentos alternativos e para lhes dar credibilidade, de pouco serve recorrer à ciência social tal como conhecemos. No fim de contas, essa ciência é responsável por esconder ou desacreditar as alternativas. (SANTOS, [2002]: 1-2.)”.

Propor outro tipo de ciência social para combater o desperdício social, implica em experimentar formas diferentes de pensamentos e ações. Nessa proposição, a arte provoca outros pensamentos, sensibilizações no seu fazer. Ela traz para o emaranhado de expressões, manifestações sensíveis da pessoa, como potência de consciência da ação. E quando a arte agrega a tecnologia digital como linguagem nas bricolagens dos usos de celulares, internet e redes sociais, visibiliza a potência como possibilidade de uma racionalidade mais humanizada.

Encontramos no *Proliferantes* essa poética, essa poética. As periferias identificando questões que os colocam fora das condições justas de direitos, e investigam em si suas potências. Em conjunto criam caminhos, se insurgem em suas singularidades, numa relação de confiança ao fiar juntos propostas, intervenções, fazeres contra-hegemônicos de desvios dentro de sistemas opressores, se apropriando de tecnologias capitalistas e colonialistas para subverter o próprio sistema. E nesses descaminhos o processo no fazer cotidiano, desperta a potência de cada um no seu modo de vida, em caminhos desterritorializantes, revelando sentidos a sua existência nesse mundo; sabendo do risco que corremos em nos reterritorializar, ao voltarmos, ou ao querermos tornar nossas experiências como modelo replicável, levando a padrões hegemônicos.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, N. (2002). *Tecer conhecimento em rede*. Em: ALVES, N e GARCIA, R L (orgs). *O Sentido da Escola*, pp. 13. Rio de Janeiro: Ed. DP&A
- CERTEAU, M. (1998), *A Invenção do Cotidiano, artes do fazer*. Recuperado <https://identidadesculturas.files.wordpress.com/2011/05/a-invencao3a7c3a3o-do-cotidiano-artes-de-fazer-michel-de-certeau.pdf> [acesso: 12/junho/2017].
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. (1993), *O que é Filosofia?* São Paulo: Ed.34.
- (2007), *Mil Platôs, capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1*. São Paulo: Ed. 34.
- (1977), *Kafka, por uma literatura menor*. Recuperado [http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2016/02/kafka\\_para\\_uma\\_literatura\\_menor\\_deleuz.pdf](http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2016/02/kafka_para_uma_literatura_menor_deleuz.pdf) [acesso: 18/abril/2017].
- DUBOIS, P. (2004), *Cinema, Vídeo e Godard*. <https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/dubois-p-cinema-video-godard.pdf> [acesso: 05/setembro/2017].
- (2004). Entrevista com Philippe Dubois, concedida a Freita, M. M. e a Kornis, M. A. em 2 de setembro de 2003. *Estudos Histórico*, Rio de Janeiro, nº 34, p. 139-156. <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2221/1360> [acesso: 05/setembro/2017].
- (2012). A Imagem-Memória ou a Mise-en-Filme da fotografia no cinema, autobiográfico moderno. Publicação do Laboratório de Investigação e Crítica Audiovisual (LAICA) da USP. *Revista Laika*. <http://www2.eca.usp.br/publicacoes/laika/wp-content/uploads/2012/06/A-IMAGEM-MEMORIA31.pdf> [acesso: 05/setembro/2017].
- GALLO, S. Em torno de uma educação menor. <file:///C:/Users/noale/Downloads/25926-98931-1-PB.pdf>. [Acesso: 16 de abr. 2017].
- Em torno de uma educação menor. In: *Educação Musical*, práticas para sala de aula. Disponível em: <https://maiseducacaomusical.wordpress.com/2011/06/21/texto-em-torno-de-uma-educacao-menor-por-silvio-gallo/> [Acesso: 16 de abr.2017].
- As múltiplas dimensões do aprender. In: *Aprendizagem nas Diferentes Dimensões*. [http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/13\\_02\\_2012\\_10.54.50.a0ac3b8a140676ef8ae0dbf32e662762.pdf](http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/13_02_2012_10.54.50.a0ac3b8a140676ef8ae0dbf32e662762.pdf) [Acesso em: 16 de abr. 2017].
- Deleuze e a Educação. Recuperado de [http://www.ufjf.br/grupar/files/2014/09/deleuze\\_e\\_a\\_educacao\\_parte\\_um.pdf](http://www.ufjf.br/grupar/files/2014/09/deleuze_e_a_educacao_parte_um.pdf) [acesso: 12/04/2017].

- GUATTARI, F. (1997), *Três ecologias*. São Paulo: Papirus.
- IMENES, C. (2002), *Os espaços/tempos do cotidiano escolar e os usos das tecnologias*. Em: FILÉ, V e LEITE, M (orgs). *Subjetividade, tecnologias e escolas*. Rio de Janeiro: Ed. DP&A.
- SANTOS, B. S. (2016), *A difícil democracia: reinventar as esquerdas*. São Paulo: Bom tempo.
- Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. [http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/boaventura/boaventura\\_sociologia\\_das\\_ausencias.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/boaventura/boaventura_sociologia_das_ausencias.pdf). 2002 [acesso: 24 de mar. 2017].
- Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online], 63 | 2002, colocado online no dia 01 Outubro 2012. <http://rccs.revues.org/1285> ; DOI : 10.4000/rccs.1285 [acesso: 16 de abr. 2017].
- WALSH, C. (2009), *Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver*. Em: CANDAU, V M (org). *Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*, pp. 14-16. Rio de Janeiro: 7 Letras.

## LINKS DOS PROJETOS

- Oi Kabum! Rio: <http://oikabumrio.org.br/site/>
- Proliferantes: <http://oikabumrio.org.br/site/proliferantes/>
- CECIP: <http://www.cecip.org.br/site/>
- Iluminar e resistir: <http://oikabumrio.org.br/site/iluminar-e-resistir/>
- <https://pt-br.facebook.com/iluminareresistir/>
- <https://www.youtube.com/watch?v=wfCixH5goV4>
- [deskgram.com/iluminareresistir](https://www.instagram.com/iluminareresistir)
- <https://www.behance.net/gallery/45475309/Iluminar-e-Resistir>
- Bivolt: [oikabumrio.org.br/site/bi-volts/](http://oikabumrio.org.br/site/bi-volts/), <https://www.youtube.com/watch?v=ta4KRJ-Wfc4>

## FOTOS

- Fotos de acervo Oi Kabum! Ação Proliferantes. Fotógrafos, Ricardo Aleixo, Gabriel Aguiar, Yuri, Rachel e Paulo Henrique.

## CURRÍCULO

### Noale Toja

Doutoranda UERJ/ProPEd: “Cotidianos, Redes Educativas e Processos Culturais”.

Mestre UERJ: Educação, Comunicação e Cultura em Periferias – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense.

Coordenadora da Ação Proliferantes – Lab. Experimentações em Arte e Tecnologia, Oi Kabum! Escola de Arte e Tecnologia e Centro de Criação de Imagem Popular/CECIP - Rio de Janeiro /Brasil.